



NUMA CERTA NOITE

LUÍS MESTRE



1

NUMA CERTA NOITE

Numa Certa Noite estreou em Lisboa, no Instituto Franco-Português, a 4 de Julho de 2008, com direcção de António Simão, cenário e figurinos de Rita Lopes Alves, luz de Pedro Domingos, coordenação de Jorge Silva Melo e Andreia Bento e interpretação de Cândido Ferreira (Pai), Luís Godinho (Filho) e Sofia Correia (Mulher), numa produção dos Artistas Unidos, Festival de Almada e com o apoio do Instituto Franco-Português.

Peça vencedora de **Isto Não É Um Concurso** | **Artistas Unidos**

NUMA CERTA NOITE

“Stan, don’t let them tell you what to do”.
Harold Pinter, *The Birthday Party*

O PAI

1. *O Público entra. Sala. Apenas iluminada por um pequeno candeeiro que se encontra a um canto. O Filho, impaciente, percorre o espaço. Espera uma visita. Por vezes vai à janela onde fica por uns momentos. Batem à porta. O Filho fica espedado a olhar na direcção da porta. Pausa longa. Batem de novo. Pausa. O Filho vai junto do candeeiro e apaga-o. Escuro.*

2. *Sala. Luz das velas. Final do jantar.*

Pai Há quanto tempo não tomas um banho quente? *(Pausa.)* Como é que consegues viver assim? Como um animal. *(Pega num cigarro que apagara a meio e que estava pousado no cinzeiro. Acende-o numa das velas.)* Eu sempre te disse... Aquela escumalha com quem andaste quando eras puto... Aqueles filhos-da-puta... Aquilo não era gente para ti. *(Pausa.)* Espelhos retrovisores, auto-rádios, jantes, até tampões de gasolina... Valha-me Deus. Tampões de gasolina... Davam-te dinheiro por aquelas merdas? Inacreditável, hoje em dia. Compra-se de tudo... *(Ri. Tira um recorte de jornal do bolso e coloca-o em cima da mesa.)*

Filho O Pai continua com os recortes?

Pega no recorte do jornal.

Pai Esse não é o Malaia?

Filho *(lendo)* ...José Malaia Martins fugiu usando a carrinha que levava a roupa para fora da cadeia...

Pai Era o que eu devia ter feito, andar aí a roubar. “Comece a reunir as suas coisas. Vai embora no final do mês.” Trabalhei a vida inteira... E de repente, olho da rua, reforma antecipada e não sei que mais... Este teu Malaia é que tem razão. *(Pausa curta.)* Se tivesses roubado coisas de jeito... Roubar é bem mais fácil que estudar, não é? *(Um pouco ternurento.)* Mas mesmo assim, fiz de ti um homem. Estás crescido. Consegui meter-te a cabeça no lugar. *(Sorri.)* Bom, é uma coisa sem importância. Uma

coisa como outra qualquer. Passado é passado. (*Observa os restos no prato do filho.*) Então? Não gostaste da carne? Isto não se vende lá no supermercado. Não me digas, agora és vegetariano? Isso dá cabo de uma pessoa. Uma dia acordas de manhã e não tens forças para te levatares da cama. Sabes que ninguém se alimenta com folhas de alface. (*Ri.*) Aposto que não tocavas em carne desta há algum tempo. Come, tens de te alimentar. Isso é bom demais para ficar... As pessoas não dão emprego a um monte de ossos. Pensam logo que andas metido na droga. (*Pausa curta.*) Aqueles sacanas que te puseram no olho da rua, pagaram-te alguma coisa? (*O Filho acena negativamente.*) Não fizeste asneira nenhuma, pois não?

Filho Não...

Pai Comigo as coisas são diferentes: “Querem-me lá fora no final do mês? Então, indemnizem.” Até tremeram. Ficaram com eles na mão. Agora andam com paninhos quentes, a negociar. Devias ter-me chamado, filho. Eu punha aquela gente em sentido. Agora, tens é de arranjar trabalho. Um novo emprego. Foda-se, isto de viver às escuras... parece uma caverna. Então, isso tá bom ou quê? (*O Filho levanta-se para arrumar a mesa.*) Ehh, calma aí. Acaba o jantar. Também não há muito mais para fazer, pois não? (*Ri.*)

Filho Já terminei, Pai.

O Pai troca o prato do filho com o seu. Termina o cigarro e apaga-o, se já não o fez antes. Começa a comer o bife. Pausa. O Filho volta a sentar-se. Pega no recorte do jornal. Lê-o em silêncio, mais atentamente, ficando visivelmente perturbado.

Pai Está toda a gente atrás dele. Parece que sovou um guarda prisional durante a fuga. (*Pausa.*) Esquece isso. (*Pausa curta.*) Ele já deve estar fora da cidade. Era o que eu faria. Punha-me a milhas. (*Compreensivo.*) Fizeste o que devias. Eras tu ou ele. Toma lá, fuma um cigarro. (*Tira um cigarro do bolso.*)

Filho Eu deixei de fumar, Pai.

Pai É ela que não te deixa fumar? Toma. (*Dá o cigarro ao Filho. Este acende-o numa das velas.*) É só um cigarro. Olha, é a sobremesa. (*Ri.*) Precisas de uma mulher a sério. Que te respeite. (*Pausa.*) Aquilo no supermercado não tem futuro... E depois não é muito bem pago, pois não? Só daqui a dez anos é que vai ter um ordenado razoável e se ninguém se meter no caminho. É preciso é andar com os olhos bem abertos.

Filho Ela anda a ver se tira o 11^o.

Pai Uuui... Ainda falta um bocadinho para a faculdade. Propinas, fotocópias, almoços... transportes. Achas que vale a pena? E quem quer pertencer a esse grupinho de cabrões elitistas licenciados? Senhor doutor para aqui, senhor engenheiro para

ali... ahhh, só um momento, senhor arquitecto. Sempre que um destes caralhos entra numa sala, há sempre alguém disposto a fazer-lhes um broche. Como sinal de respeito. E depois não fazem a ponta dum corno. Jogam cartas com o computador, para passar o tempo. *(Pausa curta.)* E fodem as subalternas por trás, para não engravidarem. Experiência profissional: trabalhei num supermercado. Vai ser uma risada. Nem vale a pena meter-se em trabalhos. *(Termina o bife dando um pequeno empurrão no prato na direcção do centro de mesa.)* Que porra é esta? Não estás a ouvir o mar? *(Pausa.)* Ouve-se o mar daqui?

Filho Nem estamos perto da costa. Pai, posso mudar de assunto?

Pai Tens outra miúda? É assim mesmo. Aproveita a vida. Também dei as minhas voltinhas quando a tua mãe nos deixou. Por falar nisso, não tens ido visitá-la, pois não? *(Pausa.)* Tens de ir ao cemitério de vez em quando.

Filho Pai, preciso de dinheiro.

Pai Ai precisas? Toma lá. *(Tira uma nota de dez euros toda amassada do bolso e dá ao Filho.)* A tua mãe apoiou-me sempre, nos bons e nos maus momentos. E a ti também. Deves tê-la como exemplo. As pessoas devem apoiar-nos sempre, quando corre bem e quando corre mal. É por isso que é difícil encontrar alguém honesto. Amanhã vens comigo visitá-la. *(Pausa curta. Referindo-se à luz.)* Não percebo como é que consegues viver assim. A tua mãe ia sentir-se envergonhada. Toda a gente no prédio deve saber. *(Pausa curta.)* Afinal onde é que a tua mulher está? Não devia estar aqui? A fazer-te companhia. Sozinho, nesta escuridão, um gajo fica maluco. *(Dirige-se à janela. O Filho apaga o cigarro, se já não o fez antes. À janela.)* Mmm... O tempo vai mudar, parece-me. Sinto-o nas orelhas... *(Regressa à mesa. Senta-se. Acende o cigarro que o Filho deixara a meio.)*

Filho Preciso de dinheiro, Pai.

Pai Mais? *(Tira outra nota de dez euros toda amassada do bolso e dá ao Filho.)* E o supermercado? Deve dar para alguma coisa, não? *(Pausa curta.)* Se fosse comigo trazia umas coisas para casa. Comida. Boa comida. Para compensar o ordenado miserável. É como se fosse um subsídio de alimentação. *(Ri.)* Digo-te uma coisa: eu tinha a despensa sempre cheia.

Filho Ela não faz isso. De qualquer forma, eles têm seguranças.

Pai Ohhh, esses é que são os verdadeiros ladrões. Passam o tempo todo bêbados. Sempre com a mão no corredor dos vinhos. Bebem-no com biscoitos para cães. Um autêntico desperdício. O que tem que fazer é falar com eles. Dar-lhes qualquer coisa e eles deixam passar. É tudo assim. Querem é ter os bolsos cheios. São uns filhos-da-puta. Olha, podia ter trazido uma aguardentezinha. Eles não se importavam. Dizia

que era aqui para o velhote. *(Ri. Pausa.)* Tens de ter cuidado com as mulheres. Mostrar quem manda. Lembras-te do Manel, o da loja de desporto?

Filho Pai, preciso de mil euros.

Pai Meteu-se com uma amante que lhe estoirou o dinheiro todo. Isto de manter uma mulher... apartamento, casaco de peles, os melhores restaurantes, jóias, foda-se... Ela chupou-o todo. E depois abandonou-o. É assim que elas fazem. Enquanto o filão estiver a dar... parecem lapas. *(Surpreendido.)* Mil euros?

Filho As coisas estão mal. O Pai sabe. Lembra-se da televisão? Tive de penhorá-la. Estou sem dinheiro e também preciso de um emprego, preciso de trabalho. E não consigo arranjar um. Sou sempre recusado. Parece que percebem qualquer coisa, não sei. Às vezes penso que comunicam entre eles. Como quando entro no escritório, o responsável olha para mim e vê. Este não. É má rês ou qualquer coisa assim.

Pai O que fizeste ao dinheiro que te emprestei? Os quinhentos euros.

Filho O Pai se pudesse emprestar mais algum... *(Pausa.)* Eu prometo que lhe vou pagar.

Silêncio curto.

Pai Mil chega, então?

Filho Pode ser mil e quinhentos? Devo dinheiro a algumas pessoas.

Pai Gente que eu conheça?

Filho Não, não. Claro que não.

Pai *(pausa)* Bom, já se faz tarde. *(Pausa longa.)* Vou dormir aqui.

Filho *(surpreendido)* Vai ficar aqui?

Pai Ficar por cá. Agora que fiquei sem o trabalho, é a altura certa para vender a casa. Vamos voltar a ser uma família, de novo. *(Pausa curta.)* Dou-te o dinheiro amanhã.

Silêncio curto. O Filho está visivelmente incomodado e hesitante em aceitar. Levanta-se e dirige-se ao sofá levando consigo uma vela. Silêncio.

Filho O Pai não se importa de ficar no sofá?

Pai Nããããã, de forma alguma. *(Silêncio curto. O Filho pega na manta que cobria o sofá e abre-a. Compõe as almofadas. Enquanto o faz, o Pai retira um caderno do bolso e, muito atentamente, anota qualquer coisa nele. De seguida, dobra o recorte de jornal e coloca-o entre as páginas do livro, fechando-o cuidadosamente.)* Foda-se, lá está o mar outra vez. *(Pausa curta.)* Não ouves?

Filho Não...

Pai Estou a dar em maluco. É esta escuridão toda. *(Guarda o livro no bolso.)*

Batem à porta. O Filho avança na direcção da porta.

Pai Não abras. Senta-te. *(O Filho senta-se. Silêncio.)* Tens a porta vigiada. *(Batem de novo. Silêncio curto.)* A casa está a ser vigiada. Há Polícia, lá fora. Na rua. *(O Filho levanta-se e vai em direcção à janela.)* Cuidado. Eles vão perceber que estás aí. *(E com muito cuidado espreita pela janela.)* Consegues ver quem é?

Filho Estranho. Não vejo ninguém... Onde, Pai?

Pai No Ford azul. Dois homens.

Filho *(procurando o carro)* Não os encontro...

O Pai levanta-se e vai à janela.

Pai Foda-se. Já se foram embora. *(Observando a rua.)* Nada. Ninguém. *(Para ele próprio.)* Estranho...

Filho Devem andar por aí.

Pai Bom... Se nós não os vemos, o Malaia também não.

Filho Podem tê-lo apanhado.

Pai Nem mais. Liga a televis... *(Interrompe-se, lembrando-se que a televisão foi penhorada.)* Foda-se, nem luz nem televisão. *(Ouve-se a chave na porta e a porta a abrir-se. Pausa. A porta fecha. A Mulher entra e pára, algo surpresa. Traz um saco de compras do supermercado. O Pai e o Filho estão especados e expectantes junto à janela.)*

Mulher *(para o Filho)* Não me abriste a porta? Não encontrava as chaves... *(Pausa. Para ambos.)* O que é que fazem às escuras? *(Vai junto de um interruptor e acende a luz.)* Até parece que não pagamos a luz.

Pai *(pausa curta. Para o Filho.)* Afinal tens luz ou não tens?

Filho *(para a Mulher)* Não viste ninguém lá fora?

Mulher *(para o Filho)* Não... Porquê?

Pai *(para a Mulher)* Nada, nada.

Filho *(para a Mulher)* O meu Pai vai ficar.

Mulher *(para o Pai)* Passa cá a noite.

Pai *(para a Mulher)* Sim, sim.

Filho *(para a Mulher)* Fica no sofá cama.

A Mulher olha para o sofá cama.

Pai *(para a Mulher)* Estou a ver que traz aí qualquer coisinha...

Mulher *(para o Pai)* Sim, coisas da mercearia. *(Para o Filho.)* Comprei cerveja.

Pai *(para a Mulher)* Ohhh lúpulos. *(Para o Filho.)* Aí está a sobremesa. Ou a ceia.

Filho *(para a Mulher)* Eu guardo isso. *(Pega-lhe no saco e sai.)*

Mulher Então decidiu passar por cá...

Pai Nem mais.

Silêncio.

Mulher Já não o víamos há algum tempo.

Pai Nem... mais.

Silêncio curto.

Mulher Então... vai ficar por cá... esta noite.

Pai Exactamente.

Silêncio.

Mulher Bom... Vou mudar de roupa.

Sai. Pausa. O Filho entra com duas cervejas. Vai para junto do Pai.

Filho Aonde foi ela?

Pai Mudar de roupa. Pôr-se à vontade. Sei lá... coisas de mulheres.

Filho Apanhei cá um susto.

Pai Deve ter a polícia toda à perna... *(Tira-lhe uma cerveja da mão. Pausa.)*

Vais beber? Vai-te fazer mal a estas horas. Dá cá... eu trato disso.

Tira-lhe a outra cerveja e põe-na em cima da mesa. Começa a beber da cerveja que tinha na mão, bebe um ou dois goles e é interrompido pelo barulho de um duche.) O que é isto?

Filho É o duche.

Pausa. De um só trago, o Pai bebe cerca de metade da cerveja.

Pai Está boa. *(Pausa curta.)* Lúpulos.

Filho Quê?

Pai Lúpulos. É o que faz uma boa cerveja. *(Pausa curta.)* Havia uma plantação de lúpulos, ao fundo da rua. Perto do parque infantil. Era tudo do Casimiro, Deus o tenha. Tinha lá uma barraca, uma coisa bonita, fazia ali uma cerveja do caralho. *(Pausa curta.)* Lembro-te de te levar lá. Eras puto. Tinhas uns cinco ou seis anos. Foi ali que provaste a tua primeira cerveja, fizeste cara feia. Nós rimos. Começaste a chorar e foste a correr para casa. Ainda chamei por ti. Mas lá ias tu, a chorar e a correr. *(Ri.)* Foda-se, contaste tudo à tua mãe, que esteja em paz, deu-me um sermão nessa noite... Esteve dois dias sem me falar, depois disso. *(De um só trago, o Pai bebe o resto da cerveja.)* Mas deste só um gole. *(Pausa.)* Aquilo é que era um grupo, eu, o Casimiro, o Rato e o Casalinho. Foda-se, éramos gente endiabrada. Mandávamos na rua. No bairro. Havia respeito na altura. Agora, é só casas novas, tipos de fato e carros de alta cilindrada. Nem bom dia, nem boa tarde. Ó meu amigo, antes de construir aquela merda a que chama vivenda, já eu tinha bebido muita cerveja aí desse campo. *(Pausa*

curta.) Cabrões... *(Pausa. Pousa a garrafa de cerveja vazia na mesa. Tira um cigarro do bolso.)* Foda-se, afinal tens luz não tens luz... *(Acende-o numa das velas. Depois, com os dedos, apaga as velas todas.)*

Filho *(olha para o sofá)* O Pai vai precisar de um cobertor... *(Sai. Pausa. O Pai fuma. Pausa. O barulho do duche pára. Pausa. O Filho regressa com um cobertor.)* Espero que isto chegue. O sofá não é grande coisa... *(O Filho abre o cobertor sobre o sofá.)*

Pai *(pausa. Avançando na direcção do sofá.)* Não podes abrir essa merda?

Filho Abrir o sofá?

Pai Sim. Já agora uns lençóis limpinhos, também. *(Pausa curta. O Filho retira o cobertor, a manta e as almofadas do sofá, colocando-as no chão. Com algum esforço abre o sofá. O Pai fuma observando-o ao lado do, agora, sofá cama. Pausa. O Filho sai. Entretanto, a Mulher entra e vai para junto da mesa. Veste um robe, sobre um babydoll. Tem uma toalha enrolada à volta da cabeça. Senta-se. O robe entreabre um pouco, deixando ver a perna. Pausa. Pega na cerveja que está em cima da mesa e bebe um ou dois goles. Pausa. O Pai vira-se para apagar o cigarro no cinzeiro que se encontra na mesa e fica surpreendido e especado com a presença da Mulher, reparando ao mesmo tempo nas pernas dela. Ela bebe mais uns goles percebendo que o Pai a observa. Pausa. Olham-se. Pausa. O Filho regressa com uns lençóis. Abre-os. E prepara o sofá cama, com os lençóis, a manta, o cobertor e as almofadas. Para o Filho.)* Chiça, isso é lá maneira de fazer uma cama. *(Pausa longa.)* Não devias ter falhado a tropa. Lá ensinavam-te a fazer isso, e com afinco. *(Pausa curta.)* E em metade do tempo. Isso tem que ficar bem preso. *(Pausa. Para a Mulher.)* Passou logo para a reserva territorial. Não faço ideia porquê. Ele até tem bom corpo... *(O Filho acaba de preparar o sofá cama. Pausa.)* Bom, acho que vou dormir...

Filho Nós também. *(Pausa. A Mulher levanta-se.)*

Mulher Então... boa noite. *(Sai. Silêncio.)*

Filho Até amanhã, Pai.

Pai *(pausa longa)* Até amanhã. *(O Filho sai. Silêncio. Em sofrimento, o Pai ouve o mar de novo.)* Maldito mar... Foda-se, eu não aguent... *(Vai junto da mesa e bebe de um só trago o que resta da cerveja. Pausa. O Filho entra e fica especado a observar o Pai. Pausa. Percebendo a presença do Filho.)* O que estás aí a fazer?

Filho *(pausa longa)* Não fui eu, Pai. *(Pausa.)* Não era eu.

Pai Não eras o quê?

Filho Que provei a primeira cerveja e fui a correr para casa...

Pai Não foste tu?

Filho Não, Pai. Não fui eu.

Pai Então quem foi?

Filho *(pausa)* Não sei...

Silêncio longo.

Pai É a cabeça, filho. *(Sorrindo.)* Está a ir-se. *(Pausa muito longa.)* Às vezes saio de casa, e vou pela rua e as pessoas do bairro cumprimentam-me... e por vezes, não sei quem elas são. Mas respondo. Bom dia, dona... não sei o que lhe chamar. Boa tarde, amigo. Mas já perceberam... Toda a gente já percebeu. E tratam-me de maneira diferente. Como se imaginasse coisas. Como se estivesse a ficar maluco. Lá vai o maluquinho...

Filho *(pausa)* Já foi ao médico?

O Pai retira um frasco de comprimidos do bolso e coloca-o em cima da mesa.

Pai Às vezes tomo, às vezes não.

Filho Esquece-se?

Pai Esqueço pois.

Filho Não os toma agora?

Pai *(pausa)* Acabei de o fazer, antes de tu entrares. *(Silêncio.)* Agora vou dormir. *(Pausa curta. O Filho avança na direcção da saída.)* Continuas com as enxaquecas, isto é, tens tido?

Filho Como é que o Pai sabe?

Pai Não sei. Estou só a perguntar. *(Pausa curta)* Se tens?...

Filho De vez em quando. Nada que não se agunte. *(Pausa. A evitar o assunto.)* Até amanhã, Pai.

O Filho sai.

Pai Filho?... *(O Filho regressa ficando à entrada. Pausa. O Pai abana a cabeça negativamente como se estivesse à procura de palavras e não as conseguisse encontrar. O Filho, achando que o Pai não lhe quer dizer nada, faz um pequeno sinal com a mão ou com cabeça como que a dizer que compreende e sai sem que o Pai perceba. Silêncio longo. De uma forma hesitante.)* Dantes ia lá bastante. Quando a tua mãe era viva. Depois deixei-me disso. Recordo-me dos cheiros. E da espera. Ficava lá algum tempo a ver. Tudo aquilo. Há sempre uma série de gente estranha. A olhar para nós. A desconfiar de nós. Não sei de quê. E depois eles a andarem de um lado para o outro vestidos de branco. Nunca gostei daquilo. De repente, havia um frenesim qualquer. Confusão. Vozes aqui vozes ali. E eu lembro-me... que, por vezes, não aguentava tudo aquilo e saía. E ficava cá fora à espera a fumar um cigarro... e a tua mãe vinha chamar-me. É tua vez, dizia. Ela lá me convencia. E eu lá ia. O homem de branco espera-

va-me. Não me recordo do nome dele. Fazia várias perguntas, eu respondia o melhor que sabia. E tinha muitos papéis. Ficava em silêncio a lê-los. Durante muito tempo, em silêncio. Depois falava com a tua mãe. Mas aí eu não ouvia, ou melhor, ouvia mas era uma coisa abafada, bum-bum-bum na minha cabeça... acho que era tudo aquilo... que me fazia ouvir assim. Bum-bum-bum a tua mãe bum-bum o médico. E não se dirigia mais a mim. Escrevinhava coisas... e dava-as à tua mãe. E ela bum-bum. E ele bum-bum-bum. E as coisas andavam controladas. Depois ela foi-se e eu... não tive ninguém. Tu já lá não estavas. E as coisas foram-se formando, acumulando até chegar ao... como é que se chama? Ao ponto que já não se volta atrás? Qualquer coisa assim... Depois, dava por mim no autocarro. Ele deve-me ter dado qualquer coisa, não sei. Fazíamos a viagem sem dizer nada. Pelo menos eu. Passávamos pela farmácia antes de ir para casa. Outro homem de branco. Este já ouvia. Escrevinhava qualquer coisa nas caixas e dizia este depois do almoço e vai ver que a tarde passa num instante. Este, logo de manhãzinha... Eu não fazia caso, a tua mãe é que... sabia daquilo. Para mim eram umas coisas de cores. Azuis, brancos, vermelhos... cor-de-rosa. Inventam cada uma, comprimidos cor-de-rosa. Mas já não falta muito. Já não deve faltar muito tempo. Agora... não sei. Só me resta... Agora é só deixar-me ir. *(Sorri. Pausa. O Pai retira o caderno do bolso e, lentamente, parece estar a contar qualquer coisa nele.)* Hoje que dia é? *(Vira-se na direcção da saída e percebe que está só. Pausa curta. Esboça um pequeno sorriso. Pausa. De seguida, fecha-o cuidadosamente. Em tom baixo.)* Já não deve faltar muito... *(Vira-se na direcção da saída. Como se o Filho estivesse lá. De um modo ternurento.)* Até amanhã, Filho.

Escuro.

A MULHER

1. *Cerca de um mês depois. Madrugada. No sofá cama. O Filho está deitado na cama, veste apenas uns boxers. Visivelmente tenso e preocupado. A Mulher acabou de se vestir, está de pé ao lado da cama. Está aparentemente zangada. Na mesa e pelo chão, os jornais e os recortes vão-se acumulando.*

Mulher Nunca me falaste das tuas coisas. Aquilo que fizeste. Eu contei-te tudo. *(Pausa.)* Como é que eles fazem? Olham para ti e percebem. Ninguém te dá emprego. *(Pausa curta.)* Eu nunca percebi. Sou mesmo estúpida. Estúpida. Estúpida. *(Pausa.)* E o teu Pai... Vai cobrar-te cada cêntimo. Achas isso normal? *(Pausa.)* Quanto dinheiro lhe devemos? Quanto? *(Silêncio.)* A sério, quanto? *(Pausa.)* Não lhe devíamos ter pedido dinheiro. Eu não gosto de dependências. Nunca gostei. Isto não devia ter acontecido. *(Pausa.)* Como é que lhe vamos pagar? *(Pausa longa.)* Quero que ele se vá embora. Diz-lhe isso. *(Silêncio.)* Que raio estará ele a fazer lá dentro? *(Pausa curta.)* Há quanto tempo não sai daquele quarto?

Filho Ele está doente.

Mulher Eu quero que ele se vá embora. *(Pausa.)* Hoje. Agora.-

Filho Muitos casais vivem com os pais. E ele precisa de mim.

Mulher Mas afinal o que é que ele tem?

Filho Está velho. Sente-se mal. *(Pausa.)* Não sei. Não sei o que é que ele tem.

Mulher Eu quero-o fora daqui.

Filho Vais acordá-lo.

Silêncio.

Mulher Nós estamos a sustentá-lo.

Filho Não percebo.

Mulher Nós pagamos as contas.

Filho *(tentando perceber)* Sim, mas... com o dinheiro dele.

Mulher Sustentámo-lo, alimentámo-lo e tratamos dele. E ele quer o dinheiro de volta... Entendes o que está a fazer?

Filho Podes sempre deixar a escola. Teríamos mais dinheiro.

Mulher Nem penses nisso. *(Silêncio.)* Quanto é que lhe devemos?

Filho Não sei. *(Pausa.)* Ele tem tudo apontado no livro. *(Pausa.)* Ele é o meu Pai.

Mulher Vamos embora daqui. Começamos uma vida nova.

Filho Temos de ter paciência.

Mulher Pediste-lhe mais dinheiro, não pediste? (*Pausa curta.*) Responde-me.

Filho Precisávamos de algum. Tinha coisas para pagar.

Mulher Quanto?

Filho Viste onde deixei o tabaco? Apetece-me um cigarro...

Mulher Desde quando é que fumas?

Filho Não fumo. Apetece-me um cigarro.

Pausa.

Mulher Em cima da mesa. Junto dos jornais. (*O Filho levanta-se, dirige-se à mesa. Pausa.*) Quanto é que lhe pediste. (*O Filho não responde. Silêncio. Encontra os cigarros e vai para junto da janela, olhando muito atentamente para a rua. Está numa posição muito estranha, como se não quisesse ser visto. A Mulher observa-o. Silêncio. Ela senta-se na cama, pensativa. A reflectir. Silêncio. Mais calma.*) Tenho saudades. Quando estávamos só os dois. Mesmo com a falta de dinheiro. Com todos aqueles problemas. Mas era bom, quando terminava o trabalho, exausta e saía do supermercado e vinha a correr para aqui. E lembro-me que queria ter um filho. (*O Filho, junto à janela, volta-se para ela. Escuta-a atentamente.*) Sentia que tínhamos algo nosso. Pouco, mas nosso. (*Silêncio. O Filho volta à mesa e acende o cigarro. Regressa ao sofá cama com um cinzeiro. Deita-se de novo. Silêncio.*) Tenho tido um sonho. Estou numa praia qualquer, perto da água. A passear. A ouvir as ondas a bater na areia. De uma forma violenta. É Inverno. Acho eu. Lembro-me de tremer, de ter muito frio. De repente, deixo de ouvir o mar. Mas as ondas continuam ali. Com aquela energia toda. Mas eu não as oiço. E percebo... que já não sinto frio. No meio daquele silêncio esquisito. Então, começo a despir-me, lentamente. Dobro a roupa e deposito-a ali. Na areia. Deixo ali tudo o que tinha. A roupa interior, as chaves, o porta-moedas... até o dinheiro. Estou agora nua de frente para o mar. E, de repente, começo a ouvi-lo de novo. Cada vez mais alto. Mais forte. E decido entrar. Nua. (*Silêncio.*) Depois acordo. (*Pausa.*) Já não consigo fazer amor contigo. Não com ele ali. Do outro lado da parede. Parece que oiço a respiração dele enquanto estamos... enquanto estás em cima de mim. Sobre a tua. E por vezes, as vossas respirações fundem-se. E eu não consigo...

Filho O que estás a dizer?

Mulher Separar-vos. Perceber qual de vocês os dois está em cima de mim. (*Pausa.*) Já viste como ele me olha? (*Silêncio curto.*) Faz amor comigo. Agora. (*Agarra-o pela cabeça com força. Com as duas mãos.*) Faz. (*Pausa. Beija-o sofregamente.*) Quero-te só a ti. Só nós os dois, aqui. (*Começa a beijá-lo no pescoço e no tronco. Continua até que ele a faz parar. Pausa curta. Ela rola no sofá cama, ficando assim na posição*

inicial. Silêncio longo. Começa a chorar. Silêncio muito longo. Retém as lágrimas. Silêncio.)

Filho *(algo assustado)* Não ouviste nada?

A Mulher não responde. O Filho termina o cigarro e apaga-o, se já não o fez antes. Levanta-se, de uma forma enérgica, e vai para junto da janela, olhando muito atentamente para a rua. Está, de novo, numa posição muito estranha, como se não quisesse ser visto. A Mulher observa-o, algo surpreendida. Silêncio.

Mulher O que é que se passa?

Filho Schiu.

Silêncio longo.

Mulher O que é que se passa contigo? *(O Filho não responde. Silêncio. O Filho dirige-se à mesa e acende outro cigarro. Regressa ao sofá cama. Deita-se de novo. Pausa.)* Ele nunca te deixaria sair desta casa. Para ficares comigo. É por isso que não sais, não é? É por isso que não vens comigo. *(Pausa.)* É o dinheiro. E se ele não tivesse dinheiro. Estaria aqui?

Filho Sim, ele tem dinheiro.

Mulher E se não o tivesse... Deixarias que ficasse aqui.

Filho O dinheiro e o meu Pai são coisas que não se podem separar. São inseparáveis.

Mulher *(pausa longa)* Já te perguntaste porque é que ele está aqui?

Filho *(pausa. Percebendo a insinuação.)* Isso não é verdade.

Mulher Porque não lhe perguntas?

Filho Ele nunca olhou assim para ti. É um homem solitário. Desde que a mãe morreu.

Mulher Não quando estavas por perto.

Filho Porque dizes essas coisas? Queres afastar-me dele.

Mulher Quero que tomes um decisão. Não podemos viver sempre assim.

Filho As coisas estão a melhorar. Vais ver. Daqui a nada arranjo um emprego e pagamos-lhe tudo.

Mulher Ele não se vai embora.

Filho Ele não precisa de se ir embora.

Mulher Precisa, pois. Eu quero que ele vá.

Filho Porquê?

Mulher Porque estou a pedir-te isso.

Filho Vais acordá-lo. *(Pausa.)* Porque estás a fazer isto?

Mulher Ele quer-me.

Filho Não digas isso.

Mulher É verdade.

Filho Ele vai ouvir-te.

Mulher Pensas que estou a mentir.

Filho Não. Não é isso. Não sei. Mas não quero que ele oiça.

Mulher Não queres que ele me oiça. A dizer isto. Mas ele sabe.

Filho Eu não...

Mulher E agora, vais agir como se não soubesses. Como se não existisse nada.

Filho Mas não existe nada. Estás a inventar tudo. Queres que eu abandone o meu Pai. *(Pausa curta.)* Não vou abandoná-lo.

Mulher Eu não estou a mentir.

Filho Pára com isso.

Mulher Não estou a mentir.

Filho Ele nunca te tocaria.

Mulher Ele tocou-me. Ele... *(O Filho olha-a de uma forma aparentemente ameaçadora. Pausa. Calmamente.)* Queres saber onde ele me tocou?

Filho *(assustado)* Não ouviste?

Mulher *(surpreendida)* O quê?

Filho Bateram à porta.

Mulher Uh? *(Pausa curta.)* Não ouvi nada. *(O Filho levanta-se, muito lentamente e sem fazer nenhum som, vai para junto da janela, olhando muito atentamente para a rua. Está, de novo, numa posição muito estranha, como se não quisesse ser visto. A Mulher observa-o.)* O que é que se passa? *(O Filho acena com a mão, com o intuito de mandar calar a Mulher. Pausa. A Mulher dirige-se à janela. Tenta olhar a rua por cima do corpo do Filho. Silêncio. Em tom baixo.)* Vês alguém?

Filho Nada. *(Pausa.)* Ninguém.

Mulher Quem achas que pode ser? *(O Filho não responde. Silêncio.)* Eu não ouvi. *(Pausa. O Filho não responde.)* Estás a ouvir-me?

Filho O quê?

Mulher A porta. Ninguém bateu à porta.

Filho *(virando-se para ela)* Mas eu... eu ouvi.

Mulher Não está lá ninguém. Tenho a certeza. *(O Filho não responde. Pausa. Avançando na direcção da porta.)* Vou abrir...

Filho Não. *(A Mulher pára.)* Não faças isso. Ele pode estar ali.

Mulher Quem?

Filho Não sei... Alguém. Pode estar ali alguém. Não vás.

Silêncio.

Mulher Olha para ti. Tu não estás bem. *(Pausa.)* Já viste o que ele te fez?

Filho Não é ele.

Silêncio curto.

Mulher Precisas de arranjar um emprego. *(Para ela própria.)* Não consigo compreender...

Filho Não consegues?

Mulher O que fazes o dia inteiro.

Filho Não percebo.

Mulher Quero-o fora daqui. Percebes agora?

Filho Vais acordá-lo.

Mulher Eu vou abrir a porta.

A Mulher avança na direcção da porta.

Filho Não.

A Mulher pára.

Mulher E vais ver que não está lá ninguém. *(Silêncio.)* Vou abrir. *(Sai, para abrir a porta. O Filho está especado, com um ar bastante assustado. Ouve-se o barulho da porta a abrir. Silêncio longo. A porta fecha. Pausa. Entrando.)* Nada. Ninguém. *(Olha-o como que analisando-o. Silêncio. Algo arrependida.)* Desculpa. Eu não devia ter dito aquilo assim. Daquela forma.

Filho Estavas a mentir.

Mulher Eu não estou a mentir.

Filho Pára com isso.

Mulher Não estou a mentir.

Filho Ele nunca te tocaria.

Mulher Ele... tocou-me.

Silêncio.

Filho Vais deixar-me?

Mulher *(pausa muito longa)* Vou embora daqui, sim.

Filho Vais deixar-me.

Mulher A Joana lá do supermercado tem um quarto. Ela aceita-nos lá. Dividimos a renda por uns tempos. *(Pausa curta.)* Quero que venhas comigo. *(Pausa.)* Vens comigo? *(Silêncio curto. O Filho não responde. A Mulher vai junto dele, abraça-o e beija-o apaixonadamente. Um beijo longo. Pausa.)* Vens?

O Pai entra.

Pai Estás acordado? *(Pausa.)* Pareceu-me estar a ouvir-te.

Filho *(olha para o Pai de uma forma violenta. Pausa. Com uma voz controlada e calma.)* Já é manhã?

Pai Não. Mas tomo um café. *(O Filho vai junto do sofá cama e veste-se. A Mulher observa-o.)* Onde está o tabaco?

Filho Está aí. Em cima da mesa.

O Filho vai na direcção da cozinha e sai. Pausa. O Pai acende um cigarro. Pausa. Olham-se. Silêncio.

Pai Eu vou embora. Dentro em breve.

Mulher Ah, sim? Quando?

Pai Em breve.

Mulher Isso para mim não é suficiente.

Pai Só tenho que tratar de umas coisas. *(O Filho entra.)* No sítio para onde vou é preciso...

Filho *(interrompendo-o)* Para onde é que vai?

Mulher *(para o Filho)* Vai embora.

Filho *(surpreendido, para o Pai)* Vai?

Mulher *(Pausa.)* Mas não hoje.

Pai Em breve.

Filho Para onde, Pai?

Silêncio.

A tensão aumenta muito rapidamente até ao próximo silêncio. Por vezes, os diálogos podem-se sobrepor. O tom da Mulher vai cada vez mais aumentando de intensidade, o Pai mantém uma voz aparentemente calma, quase ternurenta, parece não competir com a Mulher. O Filho, com o aumento da tensão, vê-se cada vez mais encurralado, descontrolado, até explodir. Parte do seu descontrolo vem das dores lancinantes da sua cabeça.

Mulher Eu quero que vá agora.

Filho Não.

Mulher *(para o Filho)* Não percebes? Como ele quer que a gente lhe pague o dinheiro todo.

Filho *(interrompendo a Mulher, para o Pai)* Onde é que o Pai vai?

Mulher *(para o Filho)* Como tu lhe pagues. Como eu lhe vou pagar... Ele quer-me e só assim é que vai abater o dinheiro.

Pai Eu nunca pedi isso.

Mulher *(para o Filho)* Riscar os euros na merda daquele livro.

Pai Não era capaz...

Filho *(para o Pai)* O Pai vai-se embora?

Mulher *(para o Pai)* Porque nunca vamos ter dinheiro para lhe pagar tudo, pois não?

Pai *(para o Filho)* Tu precisas de mim. Aqui.

Mulher *(para o Pai)* E aí entro eu.

Pai *(para o Filho)* Tenho medo. Por ti. Não estás a conseguir...

Mulher *(para o Filho)* E tu estás a deixar que isto aconteça.

Pai *(para o Filho)* Não quero que te tornes num falhado, num delinquente.

De novo.

Mulher *(para o Filho)* Tu permites isto.

Filho *(para a Mulher)* Eu?...

Pai *(para a Mulher)* Não é assim... *(Para o Filho.)* Fui eu, Filho?

Mulher *(para o Filho)* Estás a vender-me ao teu Pai.

Pai O que fiz de errado?

O Pai tenta reflectir até ao próximo silêncio, abstraindo-se um pouco da discussão.

Mulher E eu não aguento isso.

Filho *(para a Mulher)* Eu não fiz isso.

Mulher *(para o Filho)* Tens que decidir. Agora. Ou o teu Pai ou eu, a tua mulher.

Filho Mas...

Mulher *(para o Filho)* Tens que...

Filho *(interrompendo-a)* Não tenho. *(De uma forma desesperada. Quase gritado, com uma enorme tensão.)* Não quero.

Silêncio longo. O Filho tenta recompôr-se.

Mulher *(para o Pai)* Quero que vá, agora. *(Pausa longa. Para o Filho.)* Como é que vai ser?

Filho PARA ONDE É QUE O PAI VAI? P-P-P-PARA ONDE É QUE TU VAIS?

Escuro.

O FILHO

1. *Cerca de duas semanas depois. Madrugada. Luz de um candeeiro que se encontra no chão ao lado do sofá cama. Apenas o Filho se encontra iluminado. Não se consegue perceber se está só ou não. Veste roupa interior. Pela sala, peças de vestuário, almofadas, cobertores, etc. Montes de jornais acumulados e recortes ou o que restam deles espalhados pelo chão. Ele fala para a Mulher como se ela estivesse ao lado dele, na cama. Silêncio muito longo.*

Filho Esperei o dia inteiro. Mas valeu a pena. Disseram-me para regressar. Que tinha passado à segunda-fase. Vai ser hoje. Nem disse nada ao Pai. Quero fazer-lhe uma surpresa. Se conseguir o trabalho, está claro. Não o quero desiludir mais uma vez. Quero que ele se orgulhe de mim. Mas está tudo tão difícil, não está? Parece que agora as coisas estão más. Uma crise. É esperar que melhore. Mas passar à segunda fase é bom, não é? Não que seja um emprego importante, mas... é trabalhar num armazém. A empacotar coisas e carregá-las de um lado para o outro. E metê-las em camiões. *(Pausa.)* E como vai o supermercado? Não há nada em vista. Promoções? Já merecias mudar de posto. Devias ver o jornal. Enviar coisas, como eu. Eu farto-me de enviar cartas. E o Pai tem ajudado. Dado conselhos. Tem sido bom para mim. Sabes, não estou a trabalhar mas... mas sinto-me bem... *(Pausa.)* Não consegui dormir nada a noite toda. Desculpa ter-te acordado. Não sei se é o sofá ou... talvez esteja nervoso. Por hoje. *(Pausa curta.)* Viste onde deixei o tabaco? Apetece-me um cigarro. Ontem nem tivemos tempo de falar. Não temos falado. A culpa é minha. Já quase não estamos juntos. Tenho saudades tuas. Apetece-me mesmo um cigarro. Não os viste, pois não? *(Pausa.)* Agora somos mesmo uma família. Quando o meu Pai veio para cá, pensei que... ia estranhar, ia ser complicado estar de novo com ele na mesma casa. Afinal, tem sido simples... Um amigo, é mais um amigo do que um Pai, percebes? *(Pausa curta.)* Não sentes isso. Eu sei. Já faz quanto tempo? Um mês, não? Talvez mais. Pois. Só falta conseguir trabalho. As coisas estão más. Uma crise. É esperar que melhore. *(Pausa longa.)* Depois... podemos pensar em ter um filho. Uma menina, quer dizer. Preferes uma menina, não. Imagino que sim. Acho que sei onde os deixei. Os cigarros. Não os queres ir buscar? Sabia-me mesmo bem. *(Pausa.)* Ontem lembrei-me do teu sonho. Outra vez. Sabes que... vais achar isto maluquice, mas às vezes parece que oiço o mar também. E nem estamos perto da costa. *(Sorri.)* Deve ser o vento, não? *(Pausa curta.)* Ficámos cinco. Ele vão contratar dois. No máximo três. Depende das encomendas nos próximos tempos. Do volume de trabalho. Foi o que me disseram. Nem consigo dor-

mir. Estou em pulgas. *(Pausa.)* Ele está bem melhor. Já se mexe de novo. Foi de um momento para o outro. Bem, mais ou menos. Precisava de descansar, talvez. Uma vida a trabalhar... E os recortes. Ou a mudança de casa. De ambiente. Sei lá... Também não foi fácil. Mas já passeia pela casa. E assim ficava com a criança. Enquanto estamos a trabalhar. Poupa-se um dinheirão nos infantários e essas coisas. *(Olha em volta.)* Temos que arrumar isto. Os jornais eu sei. Está tudo desarrumado. Deixa-os espalhados. E arranjar espaço. É preciso espaço. Talvez mudar de casa. Se conseguir o lugar. *(Pausa.)* Hoje vai ser o dia. Há muito tempo que não me sentia assim empolgado. Desculpa acordar-te a esta hora. Acho que vou fumar um cigarro. Não te importas, pois não? *(Pausa curta.)* Vamos ter a televisão de volta. Paguei a penhora. Bom, pedi-lhe para pagar. Não te preocupes. Vou pagar-lhe tudo com este trabalho novo. Sei quanto lhe devemos. Bom, ele sabe. Tem tomado nota e vai-me dizendo de vez em quando. Para me manter a par. *(Pausa longa.)* Que horas serão? *(Pausa. Dá um longo suspiro de impaciência. Silêncio. Começa a amanhecer. A luz do dia vai entrando pela janela de uma forma gradual. À medida que o tempo vai passando e a luz do dia aumentando, conseguimos perceber que está só. Levanta-se, dirige-se à mesa e acende um cigarro. Vai para junto da janela, olhando muito atentamente para a rua. Está, de novo, numa posição muito estranha, como se não quisesse ser visto. Regressa ao sofá cama com um cinzeiro e senta-se no canto do seu lado. Silêncio longo.)* Preciso de me acalmar. Que coisa estranha. Como se hoje... como se o dia tivesse qualquer coisa de diferente. Uma névoa ou qualquer coisa assim. Não é bem uma névoa, é... não sei como explicar. Nem consigo perceber muito bem. Mas algo mudou. Vai mudar. Desculpa. A estas horas da madrugada e eu aqui a dizer disparates. Devia deixar-te dormir... *(Pausa muito longa. Fuma.)* Mas entendes o que eu quero dizer? Como o teu sonho. Não se percebe bem o que é mas que está lá, está. *(Pausa curta.)* Provavelmente, sou só eu que estou nervoso... nem um sonho é. *(Ri.)* É o trabalho, é o trabalho. *(Pausa.)* Ontem fui para os teus lados, do supermercado. Sabes, e apeteceu-me ver-te trabalhar. Um bocadinho. Não queria que me visses. Podia parecer mal. Parecias cansada. Apeteceu-me entrar e dizer: “Deixa isso. Vamos jantar fora.” *(Ri de novo.)* Como se pudesses largar o emprego assim de repente. Como se houvesse dinheiro para... *(Pausa curta)* Não me viste, pois não? *(Pausa longa. Levanta-se. Vagueia um pouco pela sala. Está um pouco agitado. Já não fala directamente para a Mulher, como se ela estivesse lá.)* Fazemos um jantar, mas cá em casa. Os três. Às minhas custas. Quando receber o primeiro ordenado. Vai ser bom, não vai? Com vinho e tudo. *(Pausa.)* Não sei se vai dar para tanto, o primeiro ordenado. Pagar algum ao Pai e mais umas dívidas... mas logo se vê. Logo se vê... Nem é um grande emprego, mas é um começo não é? Dá para alguma coi-

sa. *(Pausa.)* E talvez um dia sair daqui. Arranjarmos uma casa maior. Perto do mar, não? *(Sorri. Silêncio.)* Quero dizer-te que... estive a pensar... eu tenho-me esforçado. Sabes isso. A mim, apetece-me que estejamos muito tempo juntos. É só uma fase. As coisas vão correr melhor. Vais ver. *(Silêncio longo)* Mas... todas estas coisas, o Pai, o dinheiro, o trabalho, o... *(Interrompe-se e olha, de repente, na direcção da porta. Como se tivessem batido. Pausa. Muito lentamente e sem fazer nenhum som, vai para junto da janela, olhando muito atentamente para a rua. Está, de novo, numa posição muito estranha, como se não quisesse ser visto.)* Ele quer apanhar-me. Não estou a conseguir... *(Interrompe-se. Pausa.)* Eu quero-te de volta. E sei que te estou a desiludir, a cada dia que passa. Percebo no teu olhar. Tens agora um brilho qualquer, estranho. Como se... não houvesse esperança. Não há futuro, qualquer coisa assim. Estamos encalhados. É o que deves achar. É não é? Eu quero tanto provar-te o contrário. E não consigo. Não consigo. *(Um pouco mais violento.)* Quero-te de volta. Aqui. *(Pausa.)* Estás a ouvir-me? *(Pausa.)* Ouves-me?

Pai *(entrando e interrompendo-o)* Estás acordado? *(Pausa.)* Pareceu-me estar a ouvir-te...

Filho *(pausa longa. Recompõe-se.)* Acordei-te? Desculpa, Pai.

Pai Onde está o tabaco?

Filho Está aí. Em cima da mesa.

O Pai dirige-se à mesa. Acende um cigarro. Silêncio. Olha à sua volta.

Pai Isto está uma porcaria. Vê se arrumas a sala. *(Pausa.)* A televisão sempre vem hoje?

Filho Sim, eu vou buscá-la.

Pai Óptimo, óptimo. Aproveita e traz o jornal. *(Pausa curta.)* Fazes o café? *(O Filho veste-se. O Pai dirige-se ao sofá cama e senta-se, perto do cinzeiro. Silêncio curto.)* Agora temos que arranjar um sítio para dormires. Não podes ficar no sofá cama. Uma pessoa tem que ver televisão... *(Pausa. O Filho sai. Silêncio muito longo. O Pai está sentado no sofá cama a fumar. O Filho entra.)*

Filho Está a fazer.

Pausa. O Filho especado, observa a sala. Lentamente, vai junto dos cobertores que se encontram amontoados pela sala. Dobra-os, um a um. Pega neles, e sai. O Pai continua sentado no sofá cama a fumar. Silêncio longo. O Filho reentra com uma caneca de café. Vai junto do Pai, estende-lhe a caneca. Sem o olhar, o Pai pega na caneca. O Filho fica especado, junto ao Pai, à espera que ele se levante. Pausa. O Pai olha-o, interrogando-se.

Pai *(pausa curta. Percebendo que o Filho quer fechar o sofá cama.)* Huh...

O Pai termina o cigarro e apaga-o, se já não o fez antes. Vai para junto da janela, levando consigo a caneca de café. O Filho coloca o cinzeiro no chão. Começa a dobrar os cobertores e os lençóis. Pega neles, e sai. O Pai continua junto à janela. Pausa. Bebe o café. Pausa. O Filho reentra, vai junto do sofá cama e fecha-o. Compõe o, agora, sofá. Pausa curta. Observa a sala. Começa a juntar os jornais que se encontram espalhados pelo chão. Pausa. O Pai, junto à janela, volta-se para ele. Observa-o por uns momentos. Pausa. Dirige-se à mesa e acende um cigarro. Pausa longa. Vai para junto do sofá, levando consigo a caneca. Senta-se nele. O Filho continua a juntar os jornais. Pausa. O Pai bebe o café. Fuma, depositando a cinza no cinzeiro que se encontra no chão. Ao fazê-lo, repara num dos jornais que se encontra num pequeno monte perto do sofá. Pousa a caneca no chão e pega nele. Abre-o e recosta-se no sofá. O Filho pega no monte de jornais que já acumulou e coloca-os perto da saída da porta de entrada. Recomeça a juntar os restantes jornais. Vai para junto dos jornais que estão perto do sofá cama, pega neles.

Pai (sem o olhar, continuando a ler) Esses não.

O Filho pára e olha para o Pai. Pousa os jornais no chão. Pausa. Olha em volta à procura de mais jornais. Vai junto deles, pega neles e amontoa-os no monte de jornais que já acumulou perto da saída da porta de entrada. Pausa. Observa a sala. Pausa curta. Começa a juntar as peças de vestuário que se encontram espalhadas. Encontra um dos acessórios de vestuário da Mulher, que possivelmente usou na 1ª ou 2ª parte. Fica, por uns momentos, absorto a observá-lo. Silêncio. O Pai ri, interrompendo-o.

Pai (sem o olhar) Ouve isto. (Lendo.) ...Eram 14.48 quando foi dado o alerta de que algo de estranho teria acontecido na praia. (Enquanto o Pai lê, o Filho volta-se para o Pai. Escuta-o atentamente.) Uma homem que passeava naquele extenso areal, depois de avistar várias peças de roupa, calçado, chaves, objectos pessoais, um porta-moedas... (incluindo o dinheiro), pediu ajuda à Polícia, que de imediato contactou a autoridade marítima... A Polícia Marítima está agora a reconstituir os últimos momentos... “Tudo indica”, diz o polícia, “que o vestuário feminino, incluindo a roupa interior, tenha sido abandonado. Nestas circunstâncias, assume-se o pior cenário e mobilizámos todos os meios possíveis, mas nem sabemos ainda se se trata de um desaparecimento no mar...” (Para o Filho, sem o olhar.) Até a roupa interior... (Ri.) Foda-se, esta devia estar mesmo com a corda ao pescoço... (Atira o jornal para o pequeno monte perto do sofá. Silêncio. De repente, o Pai comporta-se como se estivesse a ouvir uma voz ou como se visse uma luz. Pausa. Esboça um sorriso. Age como se compreendesse o que a voz ou a luz lhe transmitem. Enquanto isto, o Filho olha as peças de vestuário

que tem nas mãos. E começa a ouvir o mar, pela primeira vez. Fica algo surpreendido. Pausa. Interrompendo o Filho.) Filho... traz-me um cigarro. (Pausa. O Filho vira-se e olha para o Pai, de uma forma ternurenta. Como se o compreendesse. Pausa. Dirige-se à mesa. Calmamente, tira um cigarro do maço de tabaco e avança lentamente na direcção do sofá. Pára quando está junto dele.)

Filho *(pausa curta)* É o último, Pai?

Pai *(um pouco surpreendido)* Como é que sabes?

Filho *(pausa)* Estou a ouvir o mar.

Escuro.

COPYRIGHT

© LUÍS MESTRE 2008
luismestre.com
luismestre2001@gmail.com
luismestre2010@gmail.com

ISBN

ISBN 978-989-98123-1-4